

**André Luiz Glaser**

*University of Alberta, Canadá*

andre.glaser@hotmail.com

## UMA TRADUÇÃO - DOIS AUTORES

### ***Sobre a tradução francesa de 'Os usos da cultura' de Richard Hoggart***

---

#### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo uma comparação entre o livro *The uses of literacy*, de Richard Hoggart (Os usos da cultura em tradução portuguesa) e sua tradução francesa, enfatizando as implicações político-ideológicas da tradução, que alterou significativamente o texto original. O interesse por esse cotejo no Brasil justifica-se pelo fato de a recepção de Hoggart em nosso país ter ocorrido, nos anos 70 e 80, predominantemente pela versão francesa, gerando distorções no pensamento de Richard Hoggart que ainda persistem em alguns de nossos círculos acadêmicos.

**Palavras-Chave:** tradução; teoria da tradução; Richard Hoggart; Jean-Claude Passeron.

---

#### ABSTRACT

This article aims at a comparison between the book *The Uses of Literacy*, by Richard Hoggart, and its translation into French, stressing the political and ideological implications of the translation as it significantly altered the original. The interest in this comparison is justified because the reception of Hoggart's work in Brazil, during the 70's and 80's, occurred mainly through the French translation, generating distortions in his thinking that still persist in some of our academic circles.

**Keywords:** translation; translation theory; Richard Hoggart; Jean-Claude Passeron.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato  
Alameda Maria Tereza, 4266  
Valinhos, São Paulo  
CEP 13.278-181  
rc.ipade@anhanguera.com

Coordenação  
Instituto de Pesquisas Aplicadas e  
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original  
Recebido em: 18/07/2013  
Avaliado em: 17/10/2013

Publicação: 17 de dezembro de 2013

## 1. INTRODUÇÃO

A tradução responde por uma necessidade. Ou melhor, por várias necessidades – o interesse específico de diferentes culturas em épocas determinadas impõe seus objetivos no que tange à orientação que o discurso do outro, em língua diversa, receberá. O lugar comum da afirmação acima expõe o esforço pela reflexão sobre o ato tradutório, que tem ganhado relevância e status de disciplina acadêmica nas últimas décadas. Se as preocupações fundamentais da teoria da tradução na modernidade podem ser encontradas já no século XVII, nos prefácios de Dryden, ganhando uma elaboração concisa no século XIX, dada a clara visualização, por Schleiermacher, das possibilidades opostas da intenção da tradução – conduzir o trabalho para a cultura alvo ou manter a dignidade do texto original como referência<sup>1</sup>, tanto o espaço intermediário entre ambos os limites quanto *os próprios limites* têm se mostrado muito mais amplos do que a “esfera da tradução” poderia impor.

Pois, ao falarmos de tradução, não estamos discutindo uma esfera autônoma, capaz de estabelecer sua própria problemática como inerente ao seu campo de ação, excluindo-se, mesmo que parcialmente, da estrutura social mais ampla. Assim, torna-se ingênuo discutir um “grau de objetividade” que permita gerar uma tradução “imparcial”, ou, “unilateralmente parcial” – o que é proposto é feito, mantendo fixos os limites da ação. Exemplificando: quero trabalhar sobre uma tradução fiel ao original. Realizo-a. Mas os interesses que movem não só a escolha do texto, mas as aspirações por uma recompensa que pode se estender desde um aspecto puramente econômico até a um anseio de reconhecimento “espiritual”, imprimem na própria forma do texto sua marca.

É evidente que estamos apenas na ponta do iceberg, uma vez que o que há de individual na formulação anterior só pode tomar forma dentro de uma organização social mais ampla. A força centrípeta que organiza as formas do discurso em seu percurso diacrônico é coletiva, e profundamente social. A análise do discurso vem mapeando a um bom tempo esta cristalização, capaz de fazer com que certas características formais ultrapassem suas primeiras manifestações – em geral mutações de formas anteriores – para tornarem-se mesmo gêneros.<sup>2</sup>

Falamos de tradução. Nesta esfera, ampla, os gêneros traduzidos entrelaçam-se às teorias que sustentam o ato tradutório, trazendo complicações e colocando a tradução,

---

<sup>1</sup> Schleiermacher apresenta as duas opções, mas prefere, claramente, a segunda. Ver: SCHLEIERMACHER, Friedrich. “Sobre os diferentes métodos de tradução”. Trad. Margarete von Mühlent Poll. In: Guerini, A. et al. *Antologia bilíngüe: clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: UFSC/NUT, 2001. p. 26-87. v. 1.

em determinados momentos, em um fogo cruzado. Até que ponto pode-se alterar o original? Até que ponto pode-se preservá-lo, “deturpando-o” ou “alargando-o” – e as mais diversas teorias, de Walter Benjamin a Lawrence Venuti, vão definir do que se trata este fato objetivo do estranhamento.<sup>3</sup> As releituras arrojadas do feminismo nas décadas de 70 e 80, por exemplo, podem ser denominadas tradução, em sua preocupação política em não traduzir “textos”, mas as relações de dominação masculina, colocando a questão da visibilidade extrema das relações sociais acima da questão da “fidelidade ao texto”?

Entramos em uma discussão política, aproximando-se do tema deste artigo. O interesse aqui é de cotejar a tradução de um livro escrito por um inglês, publicado em 1957, e traduzido por um francês, em uma publicação de 1970. Os anos que separam as traduções, e o canal que separa os países, distanciaram em muito o livro original dos pressupostos ideológicos de sua tradução. Se, por um lado, a cultura responde pelas forças de continuidade ou ruptura que imprimem os traços mais profundos do texto, como tão bem exposto por Gideon Toury em seu trabalho sobre as normas norteadoras da tradução<sup>4</sup>, por outro, o tradutor tem de responder pelos seus traços mais aparentes, sustentados por escolhas políticas de manifestação mais consciente.

A tradução em questão é do livro *The uses of literacy*, de Richard Hoggart, traduzido para o francês com o título *La culture du pauvre* por Jean-Claude Passeron. O interesse por esse cotejo no Brasil justifica-se pelo fato da recepção de Hoggart em nosso país ter ocorrido, nos anos 70 e 80, por meio da versão francesa, dada a predominância do francês na vida acadêmica da época e a importância da figura de Pierre Bourdieu, que publicou seu importante livro, *La reproduction*, no mesmo ano da tradução de *La culture du pauvre* – 1970 – com a coautoria de Passeron.<sup>5</sup> Para ilustrar a influência da versão francesa, e mais uma vez justificar o tema deste artigo, relato a seguir o que me levou confrontar ambos os textos do livro de Hoggart.

Lembro-me de uma discussão deste livro na qualificação de meu mestrado que me deixara bastante surpreso – pareceu-me que, no diálogo em questão, a pessoa da banca e eu falávamos sobre livros diferentes. Dada a capacidade crítica de minha interlocutora, ocorreu-me checar a versão francesa, texto que ela havia lido. A surpresa, logo nas primeiras páginas de leitura, levou-me a confrontar ambos os livros em sua totalidade. Adiante, serão apresentados alguns exemplos deste cotejo a título de

---

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Tzvetan TODOROV, *Os gêneros do discurso*, ou para uma excelente abordagem marxista do assunto, Raymond WILLIAMS, *Marxism and Literature*.

<sup>3</sup> Ver Walter BENJAMIN. Lawrence VENUTI

<sup>4</sup> Ver: Gideon TOURY. “The Nature and Role of Norms in Translation”. In: VENUTI (ed). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000.

exemplificação e discussão.<sup>6</sup> O foco estará não no julgamento da qualidade da tradução quanto à sua fidelidade ao texto original, mas na omissão ao leitor da existência de modificações no texto que alteram sua afiliação acadêmica e político-ideológica.

Não creio que possamos ter total consciência das “normas” que nos movem quando mergulhados no ato tradutório. Contudo, podemos, e devemos, conhecer as principais tendências de nossa época, construindo um trabalho que se oriente, dentre várias preocupações, por meio de nossa consciência crítico-teórica. Uma tradução acadêmica, política ou não, está necessariamente envolvida em preocupações de cunho científico, tendo de responder pelo uso que faz da voz do outro. Ao dizer isso, não estou defendendo a “fidelidade” na esfera da tradução acadêmica, pois a discussão do próprio conceito de fidelidade foje aos limites do presente artigo. O que há é uma defesa incondicional da clareza – o leitor de um texto acadêmico deve ser informado de eventuais alterações do original e das intenções que movem essas escolhas.

## 2. PRESSUPOSTOS DA TRADUÇÃO

No prefácio de sua tradução de *The uses of literacy*, Jean-Claude Passeron nos oferece, em 1970, uma longa apresentação do livro em sua edição francesa, sendo também corresponsável, juntamente com Jean-Claude Garcias, por sua tradução.<sup>7</sup> Hoggart discute, em seu livro, a posição da classe trabalhadora inglesa, no que tange à preservação de sua cultura, diante dos avanços da cultura de massas no entre guerras. Para Jean-Claude Passeron, se a sociologia em voga, presa à visão do homem comum inventada pela pequena burguesia, bem como aos mitos do vigor rústico, da docilidade feminina do povo e das nostalgias pastorais, não parecia capaz de ir além de uma apreciação negativa das classes populares como despossuídas de valores culturais refinados que não passavam de uma projeção, em seu objeto de estudo, de suas próprias limitações, monopolizando a definição social de cultura “na sua incapacidade de ver em outros grupos sociais outra coisa além dos pretextos para tratar de suas próprias contradições culturais”,<sup>8</sup> Richard Hoggart teria dado um grande passo na redefinição dos valores reais constitutivos das classes populares, colocando em questão os valores que moldavam a interpretação então vigente de cultura popular.

---

<sup>5</sup> No Brasil, *La reproduciton* foi traduzida como *A reprodução: elementos para um teoria geral do sistema de ensino*, ed. Francisco Alves, 1975.

<sup>6</sup> O que será oferecido aqui no que tange aos trechos do confronto dos livros e à discussão do prefácio da tradução francesa é uma seleção dos exemplos que se encontram no capítulo 2 e no apêndice de minha tese de mestrado (-----).

<sup>7</sup> A discussão que se segue sobre o prefácio do livro foi tirada das páginas 32-34 de minha dissertação de mestrado

<sup>8</sup> Prefácio de *La culture du pauvre*, p. 8.

De fato, Jean-Claude Passeron sugere que a experiência vivida pelo autor teria sido fundamental para a percepção mental de uma vida autêntica; Hoggart teria podido reconstruir, através de correspondências, homologias e continuidades, uma totalidade social que o inventário dos traços fragmentados por si só não é capaz de realizar. A originalidade de *The uses of literacy* estaria então na sua capacidade de colocar em questão a imagem que as outras classes fazem das classes populares, desnudando o caráter etnocêntrico da crítica sociológica burguesa e pequeno-burguesa ao mesmo tempo em que evidenciava a lógica intrínseca das atitudes das classes populares, lógica esta negada pelas lentes da tradição burguesa que em geral viam no modo de vida popular a expressão de uma irracionalidade desprezível. O livro de Hoggart estaria então entre as várias obras capazes de revelar a situação real das classes populares diante da nova cultura de massas – com uma lógica própria e uma capacidade de discernir o mundo do entretenimento da vida real e séria, a cultura popular seria capaz de se manter quase intacta em vários setores da vida, ao mesmo tempo em que fazia cada vez mais uso das mercadorias massificadas, mostrando as limitações da influência direta desta naquela. Richard Hoggart nos conduziria, desta forma, a uma “teoria do consumo desinteressada ou [...] de atenção oblíqua”<sup>9</sup> aos apelos da indústria cultural pela cultura popular, capaz de entrever seu aspecto fantasioso e relegá-lo apenas a uma forma de entretenimento inócuo. Esta teoria guardaria a originalidade de colocar em evidência “a lei que subordina a eficácia dos fatores de mudança à sua pertinência em relação às estruturas pré-existentes”,<sup>10</sup> ultrapassando as análises de difusão cultural pelo espaço através da construção de uma análise de transformação cultural através dos tempos.

Tendo-se em vista, como colocado acima, que a recepção de Hoggart no Brasil se deu não apenas através do texto original, mas também através de sua tradução francesa, realizada, como já dito acima, pelo próprio Jean-Claude Passeron em parceria com Jean-Claude Garcias, acredito que seja de extrema importância levantar problemas do texto francês que direcionam o leitor a caminhos diversos dos presentes no livro original. Dezenas de parágrafos-clave, nos quais Hoggart expõe sua posição política e social, desaparecem da nova versão sem qualquer aviso; outros parágrafos eliminam tensões importantes formalizadas no próprio estilo de Hoggart. Com alguns acréscimos estrategicamente colocados, Richard Hoggart, o crítico literário inglês dos anos 50, torna-se, como num passe de mágica, um sociólogo francês de fins dos anos 60.

Ressalto aqui, novamente, que a crítica não segue pelo viés da questão da fidelidade, mas da preocupação com a *clareza*. A alteração de textos através da tradução

---

<sup>9</sup> Ibidem, p. 22

tem sempre ocorrido, em menor ou maior grau. Com relação a isto, duas perspectivas devem ser discutidas – o quanto o autor está ciente das alterações e o quanto o *leitor* o está. Mesmo que haja uma liberdade concedida por parte do autor para alterações no texto original, o leitor deveria estar ciente do processo, pois a referência última é o texto original. Quanto isto não ocorre, problemas de entendimento podem ocorrer, como ocorreram, no caso em questão, não na Inglaterra ou na França, mas no Brasil.

### 3. O COTEJO

A grande quantidade de alterações do texto original do livro de Hoggart não podem ser entendidas como *erro*. Uma nova orientação ideológica é dada ao livro, remodelando conceitos fundamentais que permeiam o original. Vários exemplos serão abaixo relacionados para que possamos extrair algumas considerações pertinentes. As citações serão precedidas de “UL” para *The uses of literacy* e “CP” para *La culture du pauvre*, seguidas da página onde o texto se encontra ou, no caso de trechos omitidos, onde eles deveriam estar. Dado o grande número de alterações, os exemplos abaixo não têm um caráter exaustivo, mas ilustrativo. As traduções foram realizadas de forma mais literal possível, para que as comparações não perdessem em qualidade. Justifica-se, desta forma, um tom por vezes “estrangeiro” na sintaxe empregada.

O tom de Hoggart é inflado no francês por termos sociológicos que *não fazem parte do texto original*. Abaixo, um exemplo de como certas sentenças de Hoggart são completamente alteradas:

(UL22) A implicação de minhas generalizações por todo o livro é que isso ou aquilo [*this or this*] é o que a maioria das pessoas da classe trabalhadora assume que deveria ter como crença ou que deveria ser feito com relação a esses assuntos.

(CP48) Na maioria dos domínios de atividade [*domaines d'activités*], as pessoas do povo supõem, mesmo quando seus comportamentos se separam de certa norma, que existe uma maneira segundo a qual é preciso agir e certas coisas em que se deve crer. Esta é, então, a definição socialmente aprovada das atitudes que, ao longo de toda a obra, tomei como objeto. [Os *itálicos* estão no texto francês sem qualquer indicação de que não estariam no original.].

Já desde o início, ao lermos o texto francês, situamo-nos dentro de um registro sociológico, que difere em estilo e vocabulário do texto do professor de literatura Richard Hoggart. Mas, além desta mudança estilística, enfrentamos a omissão de trechos que vão contra a concepção sociológica de cultura do tradutor. Assim, o parágrafo polêmico em que Hoggart justifica a exclusão das minorias políticas, reproduzido abaixo, não consta na tradução (deveria estar em CP44).

<sup>10</sup> Ibidem, p. 24

(UL22) Entre esta maioria [os que vivem sua vida da forma como encontram] há obviamente um grande leque de atitudes, e contudo há um centro no qual um grande número de pessoas é representado.

Daqui se segue que eu darei menos atenção para, por exemplo, o planejado, o político, o devoto, e as minorias autodidatas [*self-improving minorities*] nas classes trabalhadoras. Isso não porque eu menospreze seu valor, mas porque os apelos feitos pelos publicitários de massa não se voltam prioritariamente para eles [*to their kind of mind*]. Nem é a quantidade de atenção que dou para diversas atitudes aquela que seria necessária se essa pesquisa tivesse como objetivo um relato completo da classe trabalhadora. Ênfase aqueles elementos que são especialmente explorados (como eu diria) pelos publicitários de massa.

Embora o livro de Hoggart fosse bastante inspirador para a nova sociologia francesa, preocupada com a recuperação democrática das classes populares, o tom apocalíptico do original, que via na cultura de massas o grande mal nocivo e destruidor da cultura forte e sadia das classes populares, não condiz com a nova abordagem. O resultado é que todos os momentos em que Hoggart assume este tom mais apocalíptico com relação aos avanços da cultura de massas, seguindo a linha teórica do casal Leavis e sua revista *Scrutiny*, são omitidos ou alterados na versão francesa, que simplesmente elimina o caráter de ameaça real da cultura de massas insistentemente presente em *The uses of literacy*. Assim, após discutir a perda da tensão na vida e o afrouxamento das molas da ação, a frase que fecha o parágrafo de Hoggart não aparece na versão francesa (deveria estar em CP250):

(UL197) Nós ainda não alcançamos este estágio, mas estas são as linhas sobre as quais estamos movendo.

Também não consta a passagem que discute os perigos da cultura de massas (deveria estar em CP49):

(UL24) Meu argumento não é que havia, uma geração atrás, uma cultura urbana “do povo” e que agora há apenas uma cultura urbana de massas. Ao contrário, quero dizer que os apelos feitos pelos publicitários de massa são, por um grande número de razões, feitos de forma mais insistente, efetiva, ampla e centralizada hoje do que antes; que estamos caminhando em direção à criação de uma cultura de massas; que os resíduos do que era, pelo menos em parte, uma cultura urbana “do povo”, estão sendo destruídos; e que a nova cultura de massas é, em alguns aspectos importantes, menos saudável que a cultura frequentemente crua que aquela está substituindo.

As constantes referências de Hoggart a uma ordem mais “saudável” e “viril” desaparecem na versão francesa:

(UL26) Para nós o campo não é nossa casa; nem mesmo o lugar onde Pai e Mãe cresceram de forma saudável [*healthy*].

(CP53) O campo não é mais nossa casa; não é nem mesmo o lugar onde “o pai e a mãe cresceram no passado”.

Já ao tratar dos títulos dos artigos das revistas tradicionais em vias de modernização, vemos a preocupação do tradutor em eliminar a idéia de uma cultura “mais saudável”, o que retira a afiliação clara do original a teorias que defendem a manutenção ou recuperação das sociedades “orgânicas” (principalmente embasadas nos

trabalhos de F. R. Leavis e T. S. Eliot) e estabelece uma outra afiliação com teorias que defendem a possibilidade de uma “cultura de massas saudável”:

(UL216) Por trás destes títulos podemos por vezes encontrar, especialmente quando revistas como estas tratam de curiosidades da história, geografia, literatura e das ciências, vestígios de uma qualidade mais saudável [*healthier*].

(CP273) Nós poderíamos ser tentados a apenas considerar o aspecto oligofrênico desse tipo de “espírito” se, por trás desses títulos, não se escondessem, em alguns momentos, principalmente quando estas revistas ainda tratam de curiosidades geográficas, históricas ou científicas, os vestígios de uma preocupação com a informação que no passado não foi sempre desprezada.

Seguindo a mesma linha, os dois trechos a seguir não constam na versão francesa (deveriam estar em CP57 e CP278):

(UL27) Aquela tradição [a tradição oral e local da classe trabalhadora] está sem dúvida se enfraquecendo, mas se quisermos compreender a situação atual das classes trabalhadoras nós não devemos considerá-la morta enquanto ela ainda possuir uma vida notável.

(UL222) Comparando os dois tipos de revista, somos forçados a concluir que as novas formas são mesmo menos saudáveis [*wholesome*] do que as antigas.

Como também não consta a referência a uma cultura muscular:

(UL58) A maioria delas [as expressões citadas] é um resíduo de uma tradição oral mais musculosa [...]

(CP58) A maioria dessas locuções retém apenas uma parte do que, em sua origem, constituía sua força expressiva.

Uso do adjetivo “saudável”, sobre o risco de exageros quanto à tradição oral como totalmente perdida ou como extremamente forte, é totalmente remodelado, de modo que “atitudes simples e saudáveis que se mantêm inalteradas” tornam-se “expressões estereotipadas cuja persistência é questionada”!

(UL) Se nós prestarmos atenção apenas no conteúdo [dessas expressões] [...] nós corremos o risco de evocar um belo quadro da maneira na qual atitudes antigas, simples mas saudáveis, mantêm-se inalteradas.

(CP59) Se nós só prestarmos atenção no sentido dessas locuções [...] nós corremos o risco de tomar como moeda corrente simples expressões estereotipadas e de concluir, um pouco cedo demais, pela persistência absoluta de toda a sabedoria popular antiga.

Ainda neste mesmo tópico, a colocação de Hoggart com relação a uma tradição ainda forte não consta na versão francesa, provavelmente por conta do advérbio “ainda” (deveria estar em CP62).

(UL31) Elas [as classes trabalhadoras] repetem constantemente as mesmas citações e praticam as mesmas sanções e permissões: a tradição oral ainda é forte.

O trecho a seguir, ampliado na versão francesa, não só diminui o impacto negativo da cultura de massas no texto original quanto o *questiona*, defendendo o oposto do que está no texto fonte (de “[t]alvez haja alguma verdade profética” para “mas esta imagem possui mais de fantasia literária ou apocalíptica do que de descrição realista”). Temos então a estranha situação em que o texto traduzido *se opõe* ao original:



(UL33) Talvez haja alguma verdade profética nas discussões sobre as “imensas massas anônimas com suas respostas sem vitalidade” [*dulled responses*].

(CP64) Nós podemos, beneficiando-nos assim da sociologia ficção, emprestar um valor de hipótese ou de antecipação às análises que nos apresentam as classes populares como “uma gigantesca massa anônima dotada de respostas condicionadas”, mas esta imagem possui mais de fantasia literária ou apocalíptica do que de descrição realista.

No trecho a seguir, uma mudança altera violentamente o original. Em momento algum Hoggart defenderia que a cultura de massas *já conteria elementos na cultura da classe trabalhadora!* Defende o oposto, que é algo de fora, que a penetra e a destrói *manipulando* suas relações sociais. O trecho traduzido “sob as formas para as quais os valores da cultura tradicional já haviam fornecido o princípio” é absurdo como uma formulação de um livro assinado por Hoggart:

(UL33) Na medida em que elas [as pessoas da classe trabalhadora] têm sido afetadas pelas condições modernas, elas têm sido afetadas por linhas pelas quais as tradições mais antigas as tornaram mais abertas e incapazes de defesa.

(UL65) Em todo o caso, se as classes populares mudaram sob a influência dos meios modernos de comunicação, essa mudança se deu nas direções e sob as formas para as quais os valores da cultura tradicional já haviam fornecido o princípio.

Hoggart admirava a cultura da classe trabalhadora e anseia pela sua preservação. No entanto, acreditava que, por si só, esta cultura não conseguiria manter-se. Seu caráter não político e sua pequena abertura para o conhecimento das relações sociais mais amplas estavam permitindo o seu abuso pelas novas tecnologias de massa, cujo objetivo era, evidentemente, o lucro. Novamente indo contra a linha argumentativa do original, a tradução “fortalece” as “classes populares” (Hoggart jamais usa o termo “populares”):

(UL33) Isto [o senso do pessoal, do concreto e do local] se mantém, apesar de muito trabalhar contra, e parcialmente porque muito trabalha contra isso.

(CP65) A despeito da multiplicidade de solicitações de sentido contrário que se dirigem hoje às classes populares, os valores se mantêm fortes e parecem mesmo tirar uma parte de sua força da necessidade de resistir a essas solicitações.

O parágrafo seguinte não consta em francês, no qual Hoggart trata da cisão liberal entre o indivíduo e o cidadão democrático. Todas as vezes em que Hoggart faz uso dessa separação, seu texto é omitido na tradução:

(UL77) Por trás disso [a indiferença da nova geração para com o mundo “deles”] há um problema do qual estamos bastante conscientes hoje – espera-se que todos tenham um olhar duplo, um para as suas obrigações como indivíduo, e outro para aquelas de um cidadão numa democracia. Muitos de nós, mesmo os mais intelectuais, acham difícil relacionar estes dois mundos. Pessoas da classe trabalhadora, com suas raízes tão fortemente fixadas no familiar, no pessoal no local, e com pouco tempo para um pensamento mais generalizante, terão ainda menos probabilidades de trazer estes dois mundos para um foco comum. Quando pensam sobre isso, não dão muita importância; este segundo mundo, complexo, não pode ser facilmente dramatizado, é muito vasto, muito “além” deles. Eles fazem muito para alcançá-lo, geralmente simplificando: de resto, continuam a dizer, como seus avós, “eu não sei o que vai ser do mundo”.

Nas duas vezes em que Hoggart se aproxima da classe trabalhadora pelo pronome “nós”, momentos estratégicos na sua argumentação e proposta de engajamento,

a mudança pronominal não aparece na tradução. Esses momentos são de suma importância, pois colocam em discussão a posição ambígua de Hoggart, como membro da classe trabalhadora e intelectual formado nos centros elitizados de excelência:

(UL91) De modo geral, Parece nos dizer a nota que soa, não nos é pedido para fazermos grandes coisas neste mundo; nosso tipo de vida oferece pouco esplendor e poucos convites para heroísmos notáveis, e sua tragédia não pertence ao modo dramático ou retórico. Pelo menos, este é o ponto de vista que este mundo nos convida a aceitar: que façamos seu trabalho pesado, com visão fixada em pontos próximos.

(CP137) Não se lhes exige que abracem o mundo e o transformem, esta parece ser a opinião geral. Desprovidos de esplendor, suas vidas praticamente não oferecem ocasiões de heroísmo e seus vieses trágicos não se prestam à literatura.

O trecho é totalmente omitido:

(UL242) Todos nós precisamos nos lembrar, todos os dias e cada vez com mais intensidade que, em última instância, não existe o "homem comum". Se nós não o fizermos, nós talvez venhamos a permitir que a decisão individual se perca diante de nossa respeitosa identificação democrática com uma figura hipotética cujos principais valores pertencem aos que querem nos enganar. Nós devemos nos agarrar aos fatos básicos a respeito da natureza das publicações populares - que elas são atualmente produtos de imensas organizações comerciais, que elas não pertencem propriamente à história da imprensa, nem aos negócios, nem à política, mas sim ao entretenimento; que quando um destes jornais diz "Nós damos os fatos... estarecidos...", isto é menos uma declaração de suas atitudes do que um jargão similar a "Não tenho nada debaixo da manga".

O termo "metafísica", empregado por Hoggart, desaparece. É clara a intenção do tradutor em se afastar de formas de pensamento que distanciam as "classes populares" de ações reais:

(UL102) Agarrar-se com firmeza um mundo tão nitidamente dividido em "nós" e "eles" é, de uma certa maneira, parte de uma característica geral importante da visão de mundo da maioria das pessoas da classe trabalhadora. Compreender o mundo "deles" implica, ao cabo, em uma gama de questões políticas e sociais, e acaba por conduzir-nos além da política e da filosofia social para a metafísica. A questão de como enfrentamos "eles" (sejam "Eles" quem forem) é, por fim, a questão de como nós nos posicionamos com relação a qualquer coisa não visível e parte íntima de nosso universo local. A divisão do mundo, pela classe trabalhadora, em "Nós" e "Eles", representa a sua dificuldade em alcançar questões gerais e abstratas.

(CP149) As classes trabalhadoras exprimem seu modo próprio de apreender o mundo quando operam uma separação marcada entre "eles" e "nós". Situar-se em relação aos "outros", sejam eles quem forem, depende de uma necessidade de se definir tendo como referência uma quantidade de dados que não se encontra de imediato na vida cotidiana. Considerado sob este aspecto, o antagonismo entre "eles" e "nós" se apresenta como um sintoma da dificuldade que as classes populares experimentam com relação às ideias gerais e abstratas.

Outra característica da tradução é a recusa pela manutenção de generalizações, tão frequentes no texto de Hoggart. Abaixo, a título ilustrativo, quatro generalizações omitidas na tradução (deveriam estar em CP233, 242, 248, e 271):

(UL181) Bons textos não podem, hoje, serem populares, e textos populares não podem, de forma genuína, explorar a experiência.

(UL189) [...] minha alegação é que muitas pessoas estão sujeitas a um contínuo e cada vez mais intenso bombardeamento de convites para assumir que o que quer que seja, é certo, desde que seja aceito por um grande número e possa ser classificado como entretenimento.

(UL194) Se é bom tanto o que é mais recente na linha de produção sem fim quanto o que se encontra em acordo com os desejos da maioria, então quantidade se torna qualidade e nós chegamos a um mundo de não diferenciação monstruosa, movendo-se em círculos.

(UL213) Nós somos uma democracia cuja classe trabalhadora tem trocado seu direito de nascença por uma pilha de pôsteres picantes.

Sobre a influência das novas revistas e seu fracasso em serem sequer um pouco melhores do que as tradicionais é omitida, na tradução, a referência a pessoas sendo mantidas em um nível abaixo do que teriam capacidade. Novamente percebemos que estamos diante de *uma outra concepção das classes hierarquicamente inferiores nas relações econômicas capitalistas*. Se Hoggart abomina a cultura de massas, não é esse o discurso de Passeron. Observemos que o trecho “mas isto está de acordo com a sua natureza massificada” não aparece no texto francês:

(UL234) [...] é duvidoso se podemos afirmar que houve uma melhora geral na qualidade da leitura. Ao contrário, tem-se a impressão que uma grande quantidade de pessoas está sendo mantida em um nível surpreendentemente baixo em relação às suas leituras. Por ora, as publicações em massa oferecem menos do que praticamente qualquer leitor necessita; mas isto está de acordo com a sua natureza massificada.

(CP290) Eu estou surpreso [...] pela incapacidade das novas revistas em nos oferecer uma prosa que fosse ao menos um pouco superior àquela das publicações correspondentes há meio-século. Tudo se passa como se a imprensa mantivesse seus artigos em um nível linguístico o mais baixo possível, mesmo que uma importante fração de seu público seja capacitado a um tipo de leitura mais complexo e mais organizado.

Não consta a questão utópica sugerida por Hoggart (deveria estar em CP295):

(UL238) Mas eles dizem que é “agradável pensar” em uma vida com esta; e esta atitude me parece, por vezes, próxima de uma visão, um rápido vislumbre de uma outra ordem.

Também não consta (deveria estar em CP298) todo o trecho da página 241 à página 245, aproximadamente 1300 palavras, em que Hoggart discute o importante socialista inglês Williams Morris.

Os dois primeiros parágrafos do capítulo 8, com aproximadamente 500 palavras, forma omitidos (deveriam estar em CP301). Abaixo, o início do trecho, para termos uma ideia do tom de Hoggart, novamente preocupado com a invasão da cultura de massas:

(UL247) Esta dieta regular, crescente e praticamente sem variações, de sensações sem engajamento, ajuda a manter os consumidores menos capacitados a responder de forma aberta e responsável à vida, e tende a induzir a um sentido subjacente de falta de objetivo em uma existência além dos limites de poucos apetites imediatos.

Abaixo uma passagem bastante importante sobre o mesmo tema, também omitida (deveria estar em CP303).

(UL250) Se [os leitores ideais para os novos produtos massificados] parecem até agora consistir, principalmente, nos de inteligência inferior ou nos provindos de lares sujeitos a pressões fora do comum, isto é devido provavelmente à força e à fibra moral que grande parte dos fornecedores de cultura está contribuindo para desnaturalizar. O bárbaro hedonista mas passivo que viaja em um ônibus de 50 cavalos de força por 3 centavos, e assiste a um filme de 5 milhões de dólares por 18 centavos, não é simplesmente um estranho na sociedade; ele é um presságio.

Dois parágrafos inteiros, que discutem a passividade do novo homem comum e as mudanças em andamento, são omitidos: as passagens se encontram em UL281 (aproximadamente 200 palavras) e UL 282-283 (aproximadamente 350 palavras). Deveriam estar em CP335 e CP336.

Também não constam o final do capítulo 10:

(UL317) A conclusão do bispo de Wilson, há 200 anos, mantém-se totalmente verdadeira:

O número dos que precisam ser despertados é muito maior do que o dos que precisam de conforto.

E a epígrafe de Wordsworth, no início do capítulo 11 (deveria estar em CP378):

(UL318) Refletindo sobre a magnitude do mal geral, eu deveria estar oprimido com uma melancolia vergonhosa, não tivesse a impressão profunda de que existem certas qualidades inerentes e indestrutíveis da mente humana.

Quanto à conclusão, muito foi omitido. Abaixo, um trecho modificado e dois trechos omitidos na tradução, pontos em que Hoggart teme, novamente, as consequências da cultura de massas sobre a cultura da classe trabalhadora:

(UL325) [...] pessoas da classe trabalhadora são muito menos contaminadas do que deveriam ser. A questão é, evidentemente, por quanto tempo esta provisão de capital moral perdurará, e se ela está sendo suficientemente renovada. Mas devemos ser cuidadosos para não subestimarmos seus efeitos nos dias de hoje.

(CP381) [...] é necessário concluir que os membros das classes populares são muito menos influenciados por seu consumo cultural do que poderiam ser, ou do que algumas pessoas dizem que são.

Omitidos (deveriam estar em CP389 e CP395):

(UL332) Não há virtude no hábito de ler em si mesmo; por mais que os assuntos e a apresentação sejam excepcionais, este hábito pode tornar-se um vício, tão separado da realidade da vida quanto as leituras menos sérias que descrevi acima.

(UL342) Eu tenho continuamente enfatizado a maneira pela qual novas forças estão adaptando e modificando elementos do que era uma nítida cultura da classe trabalhadora. Não há dúvidas de que alguma coisa similar poderia ser demonstrada na cultura das outras classes, já que as novas produções não apelam apenas à classe trabalhadora. Isto lança uma nova luz nas alegações sobre a sociedade emergente sem classes que eu questionei no início deste ensaio.

Os trechos acima são exemplos de dezenas de parágrafos alterados ou omitidos na versão francesa. Podemos, a partir deles, afirmar que:

- Algumas tensões centrais do texto de Hoggart são dissolvidas. A forte tradição literária que alimentava o texto, cuja principal fonte são as teorias de F. R. Leavis sobre a oposição entre cultura e civilização e o caráter apocalíptico da invasão da cultura de massas, desaparece. Em troca, termos sociológicos que não fazem parte do vocabulário de Hoggart são inseridos no novo texto;
- Também a idealização de uma ordem mais antiga, facilmente detectável pela adjetivação empregada por Hoggart ao tratar da cultura tradicional do trabalhador, e que deve muito a Leavis e aos românticos, é abolida;

- A discussão central sobre as minorias políticas como “não passíveis de generalização”, que tanto revela sobre a forma como Hoggart visualiza a ação política, também desaparece sem deixar traços;
- As várias intervenções de Hoggart sobre a questão da inteligência e do intelectual, bastante polêmicas, estão ausentes do texto francês;
- É apagada a mudança pronominal empregada por Hoggart em dois momentos de seu texto, fundamental para compreendermos a sua posição dupla como intelectual e como membro da classe trabalhadora;
- O texto francês assume um tom jamais empregado por Hoggart: mostra as classes populares (o termo “classe trabalhadora” não é usado na tradução) como capacitadas a lidar, por meios próprios, com a nova cultura de massas. *The uses of literacy* é uma intervenção de um intelectual que justamente não acredita nisso. Hoggart em momento algum deixa notar o tamanho e a força do monstro que tenta enfrentar. Neste sentido, a tradução assume um ar mais ingênuo que o original;
- Se a teoria de Hoggart tem como um de seus pilares o caráter não político da classe trabalhadora, a opção francesa pelo termo “classes populares” e pelo título *A cultura do pobre* torna ainda mais nebuloso um veio classista ainda presente em *The uses of literacy*. Vindo uma década após o lançamento do original, tem-se a impressão de que uma forte vertente culturalista tratou de dissolver ao máximo toda a referência a “classes” em um sentido mais político;
- Por fim, a tradução esconde um certo pessimismo, em *The uses of literacy*, com relação ao futuro. Em uma outra passagem excluída do texto francês, Hoggart nos revela a dificuldade que via em uma ação transformadora (deveria estar em CP138):

(UL93) Talvez haja pouco que você possa fazer a respeito da vida; há, contudo, algo que você pode ser.

Em outros termos, se não podemos fazer política, façamos cultura. Se não podemos agir, basta sermos. Se a possibilidade de um futuro melhor foge à nossa imaginação, guardemos, a todo o custo, a ordem mais “saudável”.

Retomando então nosso argumento central, a tradução francesa de *The uses of literacy* apresenta-se como problemática do ponto de vista da *clareza*. O leitor, após ler os elogios ao autor no prefácio, tende a tomar o texto traduzido de forma acrítica no que tange à avaliação da tradução. Aceitando as palavras de Jean-Claude Passeron como as do próprio Hoggart, o leitor “compõe” o crítico de forma deturpada, muito distante dos interesses do professor de literatura inglês considerado um dos fundadores dos Estudos da Cultura.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “The task of the translator”. In: VENUTI (ed). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000.

GLASER, A. L. The Uses of Literacy - Uma cultura em Xequê. **Crop** (FFLCH/USP), São Paulo, v.8, p. 379-403, 2002.

HOGGART, Richard. **La culture du pauvre**. Paris: Ed. Minuit, 1970.

\_\_\_\_\_. **The Uses of Literacy**. London: Penguin Books, 1992.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. "Sobre os diferentes métodos de tradução". Trad. Margarete von Mühlen Poll. In: GUERINI, A. et al. **Antologia bilíngüe**: clássicos da Teoria da Tradução. Florianópolis: UFSC/NUT, 2001. p. 26-87. v. 1.

TOURY, Gideon. The nature and role of norms in translation. In: VENUTI, L. (ed). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000.

VENUTI, Lawrence. "How to Read a Translation". Arquivo eletrônico. Disponível em: <<http://www.wordswithoutborders.org/?lab=HowTo>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**. Oxford: Oxford University Press, 1977.

---

**André Luiz Glaser**

Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Professor de Língua Inglesa, Tradução e Estudos Literários na Anhanguera Educacional (Unidade Brigadeiro) de 2008 a 2011. Atualmente faz pós-doutorado e ensina na Universidade de Alberta, no Canadá.